

No DF, a chuva mais forte do ano

Mariana Ceratti

Da equipe do Correio

Rios e pequenos lagos onde deveriam haver pistas de asfalto. Veículos arrastados, parados, ou mesmo boiando nos trechos onde a drenagem não foi suficiente para conter a água. Para muitos motoristas, o estresse de ter o carro estragado e precisar esperar por um guincho em pleno domingo à noite. Este foi o cenário em todo o Distrito Federal, que viu cair a chuva mais forte de 2002, pelo menos até agora. Foi tanta água, que impressionou até o pessoal do Instituto de Meteorologia (Inmet). Entre as 18h e 19h, período em que a precipitação foi maior, o instituto mediu 93 milímetros de água.

“É algo pouco freqüente, mesmo nessa época do ano”, disse o meteorologista Luiz Cavalcanti.

Antes do domingo, a chuva mais forte havia sido na madrugada entre os dias 10 e 11 de abril, em que o Inmet registrou 71,4 milímetros de precipitação.

Com tanta chuva, o Corpo de Bombeiros teve muito mais trabalho do que o habitual. A corporação ainda não tinha números completos das ocorrências registradas até o fechamento desta edição. Ainda assim, “foi a chuva que causou mais transtornos”, disse o Major Júnior, coordenador de operações do Corpo de Bombeiros. Só os registros dos chamados *esgotamentos* — quando as garagens dos subsolos de prédios ficam cheias d’água — foram 20.

O caso mais dramático, segundo o Major Júnior, foi em uma igreja na 912 sul, em que um dos subsolos ficou completamente inundado e o outro quase cheio. “Mas felizmente

não houve nenhuma vítima”, afirmou o major.

No Setor de Oficinas (SOF) Sul e na Rodoferroviária, o susto também foi grande. Na Rodoferroviária, a parte de baixo, reservada a embarque e desembarque, ficou interditada. O trajeto dos ônibus foi desviado, para que os ônibus pudessem receber e desembarcar passageiros. Já no SOE, as ruas ficaram alagadas e muita gente precisou esperar pelos bombeiros para poder sair dos carros.

Em várias tesourinhas do Plano Piloto, a água ficou acumulada, cobrindo meios-fios e chegando a pouco mais de meio metro de profundidade. Na descida entre a 112 e a 212 norte, só mesmo quem tinha jipe se ariscava a atravessar. Entre a 109 e a 209 norte, o trânsito ficou tumultuado. Fiscal de uma empresa de segurança, Sérgio Bra-

ga, 55 anos, confiou na capacidade do próprio carro — um furgão da SEAT — de atravessar a lagoa que se formou na tesourinha. Não conseguiu. Preciso da ajuda do funcionário público Crisanto Pereira, 46 e do pequeno Yago, 10, para retirar toda a água que se acumulou dentro do veículo.

Perto dali, o bancário Rosimar Barbosa, 39, estava revoltado. “Parece que Brasília não foi feita para a chuva”, disse. Agentes do Detran, que foram ao local para desobstruir o trânsito, empurraram o Palio prata para o canto direito da pista. Um guincho do Detran chegou cerca de 20 minutos depois. O motorista do guincho, o assistente de trânsito José Alberto Modesto, estava agitado. “Em apenas uma hora, precisei rebocar oito carros em diversos pontos da cidade”, disse.